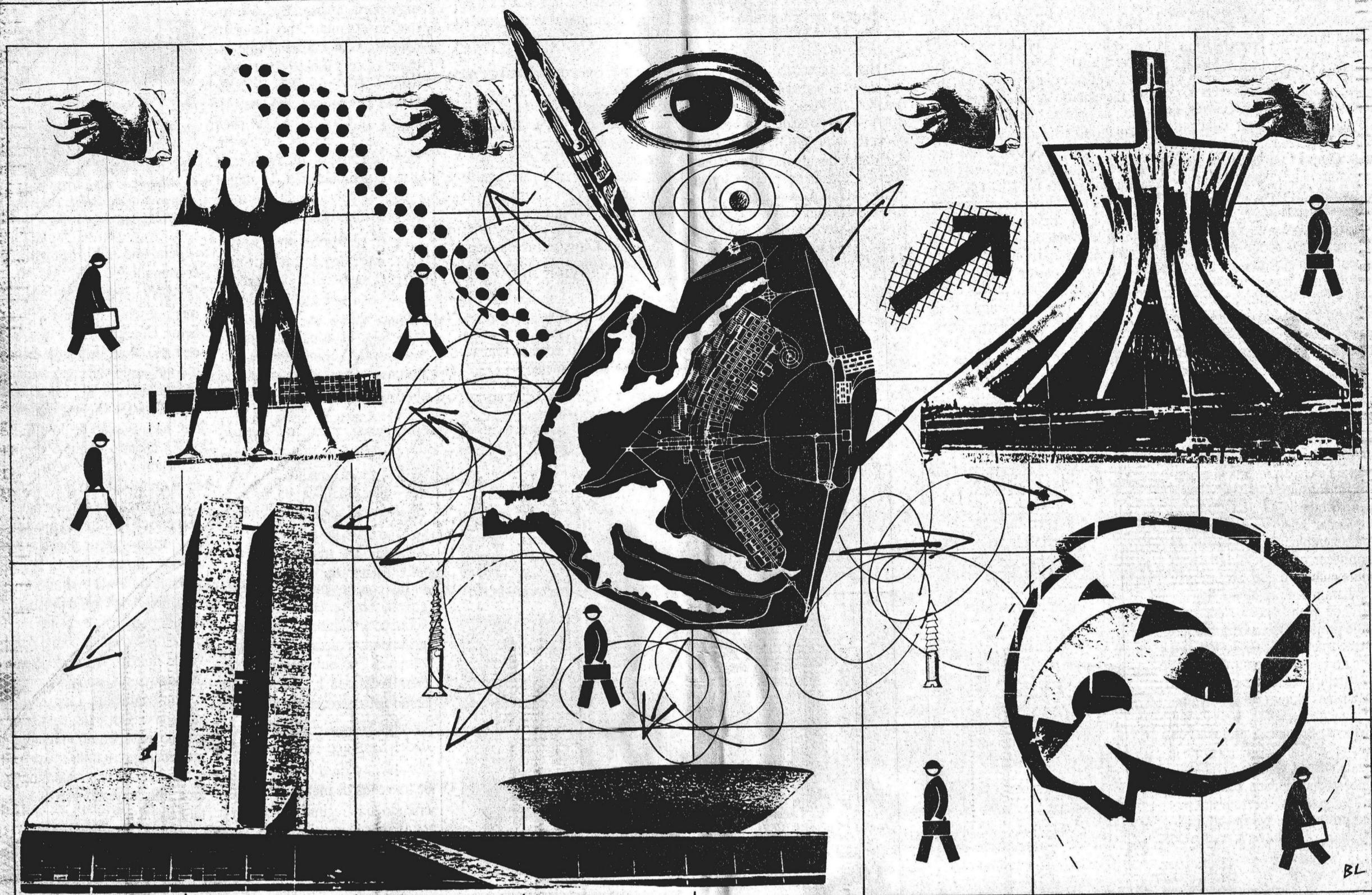


Brasília



Desencontros do crescimento

■ A capital que JK plantou no coração do país chegou muito cedo ao ano 2000. Com problemas, mas humanizada

Ao completar 34 anos
nesta próxima quinta-fei-
ra, 21 de abril, Brasília
mostra que cresceu bem
mais do que devia. Em seu
projeto urbanístico para a
nova Capital, na segunda
metade da década de 50, Lúcio Costa e
Oscar Niemeyer conceberam uma cida-
de com 500 mil habitantes na virada do
século. Hoje, Brasília já alcançou a casa
dos 2 milhões.

Este é apenas um dos aspectos em que a realidade do país não coincidiu com o sonho dos criadores. Mas houve muitos outros, a começar pela decisão de boa parte dos candangos, de viver na cidade após terem-na construído. (Nessa decisão está a origem do fenômeno de multiplicação das cidades satélites.) Também no que se refere à setorização das atividades, um tabu instituído pelo projeto original, o tempo se encarregou das flexibilizações necessárias.

flexibilizações necessárias.

Por isso, o projeto urbanístico inovador, concebido como moldura de um modelo socializante, continua provocando, hoje, quase que as mesmas polêmicas no final dos anos 50.

Também é um fato que a idéia da construção de Brasília nunca foi inteiramente aceita por alguns. Enquanto apenas uma utopia, algo guardado na letra morta de uma declaração de intenções, como foi durante tantos anos, a idéia era bonita e romântica. Mas quando alguns visionários cismaram de transformá-la em realidade, logo apareceram certos pais-da-pátria tentando sepultar o sonho.

Mesmo depois de inaugurada, em 1960, Brasília continuou enfrentando a resistência de setores da vida nacional. As campanhas pela volta da Capital para o Rio de Janeiro nunca cessaram de todo. Há quem ainda não compreenda que Brasília não poderia mesmo ser um exemplo totalmente bem sucedido de planejamento dentro de um país que mal sabe o que é isto.

Seja como for, 34 anos depois Brasília firmou-se definitivamente como Capital federal, sede dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, centro efetivo das grandes decisões nacionais e caixa de ressonância dos problemas e aspirações do país.

Só que o avassalador processo de urbanização vivido pelo Brasil nestas últimas três décadas produziu uma cidade algo diferente daquela imaginada por Lúcio Costa e Niemeyer. Existe, sim, uma Brasília administrativa, política e burocrática, de onde partem os erros e acertos na condução do país. Mas existe também uma outra Brasília, bem maior e mais humana, que não freqüenta a Praça dos Três Poderes, que passa ao largo das CPIs e dos escândalos orçamentários. Uma Brasília além e acima do centro do Poder, onde vivem pessoas como o baiano Lourivaldo Soares Marques, jornaleiro, o ex-craque da seleção brasileira de futebol, Nilton Santos, ou o poeta Chico Alvim, todos batalhando pela sobrevivência e todos capazes de consumir horas falando de sua paixão pela cidade. Uma cidade comum, mas diferente.



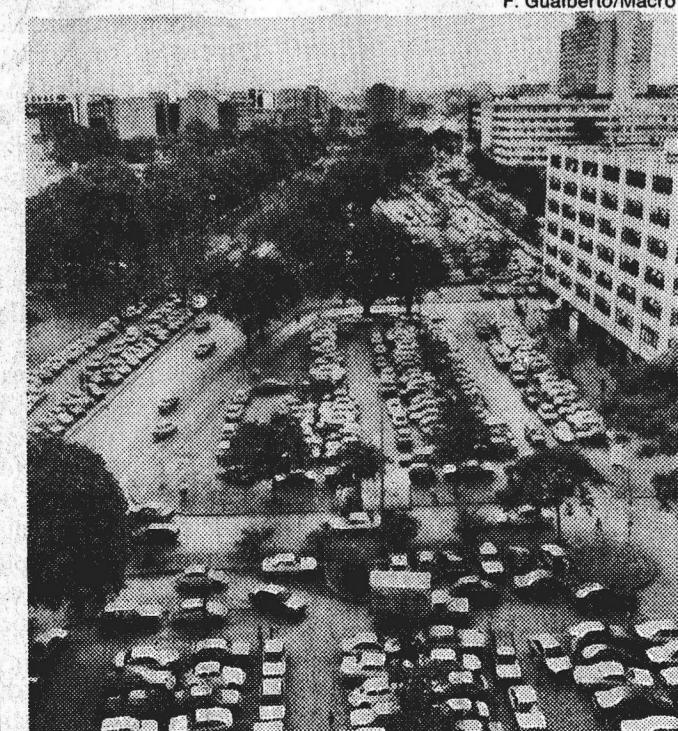
Capital esotérica

A cidade atrai místicos de todo o país. (Página 4)



O Metrô muda o perfil do transporte

A entrega do primeiro trecho do Metrô (20 quilômetros) vai mudar a vida de milhares de brasilienses. (Página 5)



Planejamento equivocado

Um dos principais pontos de referência da cidade, o Setor Comercial Sul dá sinais de saturação. (Página 2)



O Parque de todos

*São 420 hectares de verde e ar puro.
O Parque da Cidade. (Página 8)*